

Imagem corporal e sexualidade na infância: uma abordagem qualitativa

Body image and sexuality in children: a qualitative approach

Imagen corporal y sexualidad en la infancia: un enfoque cualitativo



Letícia Maria Cunha Cruz

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil

leticia_maaria@hotmail.com



Raíssa Gomes Benevenuto

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil

rgbenevenuto@hotmail.com



Isabela Souza Paula

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil

isabelasouzadepaula@gmail.com



Clara Mockdece Neves

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil

clarinhamockdece@hotmail.com



Juliana Fernandes Filgueiras Meireles

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil

eujuly90@hotmail.com



Maria Elisa Caputo Ferreira

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil

caputoferreira@terra.com.br

Resumo: A imagem corporal é conceituada como a representação do indivíduo para si. O cerne familiar, os meios sociais e a mídia podem ser listados como relevantes formadores de opinião e consequentes difusores de estereótipos e padrões de estética que se convertem em requisitos de aceitação e inclusão. O objetivo foi identificar referências de imagem corporal e sexualidade entre meninos e meninas de 6 a 11

anos. Os dados foram coletados através de grupos focais com amostras constituídas de quatro escolas públicas de Juiz de Fora/MG. Foram agrupadas categorias por temas similares de acordo com a técnica de Análise de Conteúdo Temática referente aos aspectos físicos, comportamentais e libidinais. Foi possível identificar falas de cunho sexual relacionadas à imagem corporal das crianças.

Palavras-chave: Imagem Corporal. Sexualidade. Infância.

Abstract: The body image is conceived as the individual representation for themselves. The familiar core, the social media and the media vehicles may be listed as the most relevant opinion shapers. They also can be consequent diffusers of stereotypes and beauty patterns that are converted into acceptance and inclusion requirements. The goal of this study was to identify references of body image and sexuality among boys and girls from 6 to 11 years old. The data were collected through focal groups from four municipal public schools of Juiz de Fora/MG. Categories were grouped by similar themes according to the technique of Content and Thematic Analysis, regarding to physical, behavioral and libidinous aspects. In these categories, it was possible identify sexual pronouncements related to the body image of the children.

Keywords: Body Image. Sexuality. Childhood.

Resumen: La imagen corporal es conceptuada como la representación del individuo para sí. El núcleo familiar, los medios sociales y los vehículos mediáticos pueden ser listados como los formadores de opinión y difusores de estereotipos de estética que se convierten en requisitos de aceptación e inclusión. El objetivo fue identificar referencias de imagen corporal y sexualidad entre niños y niñas de 6 a 11 años. Los datos fueron recolectados a través de grupos focales de cuatro escuelas públicas de Juiz de Fora/MG. Se agruparon categorías por temas similares de acuerdo con la técnica de Análisis de Contenido Temático en lo concerniente a los aspectos físicos, comportamentales y libidinales. En estas categorías fue posible identificar los discursos sexuales relacionados con la imagen corporal de los niños.

Palabras clave: Imagen Corporal. Sexualidad. Infancia

Submetido em: 06/11/2018

Aceito em: 23/09/2019

1 Introdução

A imagem corporal pode ser compreendida como a representação mental do próprio corpo, ou seja, a maneira pela qual este se apresenta para si próprio (SCHILDER, 1999). Simbolicamente relacionada ao formato e a aparência que o corpo exhibe, aquela imagem é composta por duas dimensões: perceptiva e atitudinal. Além disso, é ainda subdividida em 3 componentes: afetivo, cognitivo e comportamental (CASH, SMOLAK, 2011; FERREIRA, CASTRO, MORGADO, 2014). O afetivo inclui emoções e sentimentos pessoais relacionados ao corpo, como a insatisfação corporal. O cognitivo refere-se às crenças e aos pensamentos críticos a respeito do próprio corpo. Os comportamentos são representados por ações de evitação, checagem e comparação corporal (CASH; SMOLAK, 2011).

Considera-se que a imagem corporal é definida e reavaliada continuamente durante toda a vida (FORTES *et al.*, 2014). Estudos demonstram que as preocupações com o corpo surgem ainda na infância, isso porque, muitas vezes, as crianças se tornam vulneráveis às pressões socioculturais (FORTES *et al.*, 2014; NEVES *et al.*, 2017; LEITE *et al.*, 2014). Os pais são considerados a primeira fonte de influência para o indivíduo, visto que nos primeiros meses de vida, o contato do bebê é basicamente com a família. Os amigos podem ser considerados uma segunda fonte de interferência, principalmente no final da infância e na adolescência, uma vez que os sujeitos apresentam forte necessidade de se integrar a grupos sociais (PAPALIA; FELDMAN, 2013). Adicionalmente, a mídia é apontada como a influência sociocultural mais potente, visto que há uma exposição de imagens de corpos julgados como estereótipos de beleza a todo o momento (AMARAL *et al.*, 2014).

É válido ressaltar que a imagem corporal é influenciada por aspectos fisiológicos – relacionados à organização cerebral do esquema corporal –, sociológicos – que dizem respeito à influência do meio na imagem corporal – e libidinais – relacionados às pul-

sões, emoções, fantasias e sexualidade (SCHILDER, 1999). Tavares (2003) complementa que as tendências libidinais são um fenômeno social, pois se dirigem à imagem corporal do outro e às imagens do mundo externo. De acordo com Scatolin (2012), é preciso estudar o desenvolvimento libidinal desde a infância, já que ela é parte integrante da história vital interna do indivíduo.

O aspecto libidinal está intimamente relacionado ao desenvolvimento da sexualidade na infância. Segundo Reis e Ribeiro (2005), a curiosidade infantil, na temática da sexualidade, é grande, entretanto, são restritas as oportunidades em se debater, expressar e perguntar sobre as diversas dúvidas inerentes a essa fase do desenvolvimento.

Apesar dos trabalhos desenvolvidos, alguns preconceitos e tabus dificultam pais e educadores a lidarem com essas manifestações sexuais das crianças. A sexualidade, por sua vez, se manifesta ao longo de toda a vida. Suas manifestações estão presentes nas conversas, brincadeiras, jogos, relacionamentos e dramatizações em grupo ou individuais. A sexualidade está presente nos momentos de interação afetiva com outro(s) ou quando se está sozinho, em momentos reflexivos. (BARBOSA *et al*, 2007, p. 18).

Mesmo com os avanços nos estudos de imagem corporal nos últimos anos, ainda são escassas pesquisas qualitativas sobre a imagem corporal infantil (NEVES *et al.*, 2017) e também relacionadas à sexualidade (COSTA; VENÂNCIO, 2015). Considerando o impacto que as influências socioculturais podem ter na construção da imagem corporal e da sexualidade da criança e a necessidade de conhecimento por parte dos profissionais em ter entendimento sobre a temática propondo ações efetivas e acompanhando o impacto de suas intervenções, torna-se essencial conhecer as opiniões delas a respeito desse assunto. Dessa forma, o objetivo deste estudo foi identificar referências de imagem corporal e sexualidade entre meninos e meninas de 6 a 11 anos.

2 Métodos

Esta pesquisa é qualitativa descritiva, com a realização de grupos focais, realizada em março de 2016 na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. Os grupos foram constituídos por crianças de 6 a 11 anos, de quatro escolas públicas participantes selecionadas por conveniência, sendo realizados 12 grupos focais, separados por idade e sexo. Como critérios de inclusão na pesquisa, as crianças deveriam estar matriculadas e frequentando regularmente as aulas nas escolas selecionadas para esta etapa da investigação; saber ler e escrever; e entregar o TCLE (termo de consentimento livre e esclarecido) assinado pelo responsável. A amostra total foi composta por 83 crianças, sendo 42 meninas e 41 meninos, de 6 a 11 anos (média $\cong 7,75$ anos; desvio padrão $\cong 1,03$ anos).

Inicialmente, estabeleceu-se contato com a direção das quatro escolas públicas da cidade de Juiz de Fora/MG. As reuniões aconteceram em salas disponibilizadas pelas escolas, com a presença de quatro pesquisadoras, todas com experiência em grupos focais. No início de cada encontro, foi realizada uma breve explicação da pesquisa às crianças. Depois, foram distribuídos os TALE (termo de assentimento livre e esclarecido) para que elas consentissem com sua participação voluntária. Um roteiro semiestruturado previamente planejado serviu como guia para orientar a discussão, fomentando questões relativas à imagem corporal de crianças. Salienta-se que houve flexibilidade para modificações no roteiro devido a discussões que pudessem surgir em cada encontro.

A duração média dos encontros foi aproximadamente 70 minutos. Esses encontros foram gravados em áudio e vídeo com a permissão das crianças e seus responsáveis. Para a análise, todas as gravações de áudio e vídeo referentes aos encontros foram transcritas na íntegra. Foram agrupadas categorias por temas similares de acordo com a técnica de Análise de Conteúdo Temática (BARDIN, 2011).

Ressalta-se que, a fim de preservar a identidade das crianças participantes, seus nomes foram ocultados, e, ao invés deles, cada participação recebeu um código de identificação. Esse código é composto pelo número da criança (P1, P2, P3, (...) a P83); pela identificação do sexo da criança (♂ para meninos e ♀ para meninas); e, por fim, a idade do participante. O código completo pode ser exemplificado como: P1, ♀, 7 anos.

3 Resultados e discussão

A partir das discussões dos tópicos sugeridos pelas pesquisadoras nos grupos focais, notou-se que, ao falar do corpo, as crianças demonstraram certo apelo sexual. Por ser caracterizado também como um recurso para compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos (VEIGA; GONDIM, 2001), o processo de análise dessas informações foi subdividido considerando quatro categorias principais. São elas: Características corporais gerais relacionadas à sexualidade (1), Características corporais específicas relacionadas à sexualidade (2), Influência da mídia, amigos e família na sexualidade infantil (3) e Questões relacionadas ao gênero e sexualidade (4).

3.1 Características corporais gerais relacionadas à sexualidade

Durante a realização dos grupos focais, emergiu a primeira grande categoria que engloba aspectos relacionados ao corpo de uma forma geral e sua relação com a conotação sexual. É importante ressaltar que também foram considerados alguns atributos implícitos para além do vínculo direto e imediato com a fala inicial.

Com relação aos aspectos relacionados ao corpo de uma forma geral, nota-se que na fala das crianças o termo “gostoso(a)” é utilizado conotativamente com certa frequência. As crianças rela-

cionaram esse adjetivo à concepção de corpo ideal, na qual o atributo muscularidade é enaltecido.

Ainda nesse aspecto, atitudes relacionadas ao ideal de feminilidade – idealizado pelos homens – estão associadas diretamente ao comportamento e à corporalidade feminina. Segundo Bordo (2003), em nossa cultura, o caminho mais importante de aceitação e sucesso é a busca pela feminilidade. Essa feminilidade pode ser entendida como “estética da limitação” tanto no que se refere a comportamento quanto à corporalidade feminina. (ADELMAN, 2003, p. 451). Nos grupos focais masculinos, características relacionadas a esse tema foram enaltecidas:

Corpo bonito de mulher é quando é muito gostosinho. (P37, ♂, 7 anos)

É aproveitar o corpo. (P41, ♂, 7 anos).

Segundo Neves *et al.* (2017), o aspecto da muscularidade chama a atenção das crianças sendo apontado por elas como um fator positivo, principalmente entre os meninos. É considerado também um atrativo para o sexo oposto. Essa junção de termos e ideias de muscularidade e sexualidade podem ser ilustradas pelas seguintes falas:

Tia, o [boneco] Max Steels é gostosão [sem camisa]. (P24, ♂, 7 anos).

Porque ele tem um músculo. (P26, ♂, 7 anos).

Um homem bonito é quando é gostoso. (P26, ♂, 7 anos).

Tem que ser musculoso. Ele tem que malhar. (P8, ♀, 10 anos).

Nota-se que características atreladas à sensualidade podem ser um paradigma social na formulação do pensamento dessas crianças. Em um estudo realizado por Resende (2011), ao serem perguntados sobre o ideal de beleza feminino, muitas falas masculinas foram atreladas a comportamentos como: sentar-se com as pernas fechadas, estar sempre bem-arrumadas e querer aumentar seios e bumbum. Esse ideal de sexualidade relacionado à

dimensão comportamental pode ser exemplificado pelas seguintes falas:

[Ao serem perguntados sobre o motivo delas serem “gostasas”]

Ah! Tá mostrando a calcinha! [Risos]. (P24, ♂, 7 anos).

Muito gostosa é quando (...) elas estão lá num baile rebolando a bunda. (P41, ♂, 7 anos).

[Moderadora: Como que é um corpão? Me explica.]

Um peitão que parece que colocou silicone, tia. (P8, ♀, 10 anos).

Elas ficam com bundão [motivo pelo qual as mulheres treinam em academias]

(P53, ♂, 7 anos) (P54, ♂, 7 anos).

Dessa forma, de acordo com Goellner (2010), o fato de expor o corpo é uma tentativa de buscar a feminilidade, usando da aparência ou de atributos físicos como a voz, a postura, os músculos, o modo de se vestir, de gesticular e exercitar sua sexualidade estão sujeitos a vigilâncias e inibições.

A imposição de valores e normas que limitam o corpo feminino parece ser um apelo cultural que está respaldado em princípios normativos. Quando esse apelo é “quebrado”, há uma ruptura de identidades entre masculino e feminino, como sugere Bourdieu (2010) ao dizer que “os princípios antagônicos da identidade masculina e da identidade feminina se inscrevem assim, sob formas permanentes de servir do corpo, ou manter uma postura, que são como que a realização, ou melhor, a naturalização de uma ética”. (BOURDIEU, 2010, p. 38).

Ademais, nota-se que as crianças têm para si um ideal de corpo para ambos os sexos. Trazem em suas falas a muscularidade para os homens, como sendo fator positivo para estes e atrativos ao sexo oposto, assim como o ideal de feminilidade estando atribuído a certos comportamentos relacionados às mulheres.

3.2 Características corporais específicas relacionadas à sexualidade

As crianças apresentaram uma tendência a se preocuparem com aspectos específicos do corpo e, por isso, essas características foram aglomeradas em uma categoria separadamente. Durante o desenvolvimento do grupo, foram destacadas algumas partes do corpo nas quais se notou a presença de cunho sexual. Dentre elas: seios, nádegas, vagina, pênis, que, em sua linguagem, eles tratavam como “peitão”, “bundão” “xeroca”, entre outros.

A referência a essas características corporais foi apontada pelos meninos, como sendo atrativa para o sexo oposto. Assim, Murnen (2011), em seus estudos, aponta que o corpo ideal para mulheres, preconizado nas sociedades ocidentais, é fortemente associado à magreza e, mais especificamente, a aspectos que reforçam um corpo sexy com pernas longas, olhos grandes, cabelos longos, seios moderadamente grandes e de pele clara.

Muitas vezes, após mencionarem tais partes, as crianças demonstravam algum tipo de sarcasmo e/ou deboche, pois os comentários eram seguidos de risadas.

Algumas falas ilustram:

Pra ficar com um corpão, bonita. (P41, ♂, 7 anos).

Elas ficam com um bundão. (P40, ♂, 7 anos).

Tem que ter muita bunda pra ser bonita. (P14, ♂, 8 anos).

[Risos ao fundo]

A mulher tem que ter a bunda, o peito. (P14, ♂, 8 anos).

Nesse sentido, as partes do corpo que mereceram mais destaque foram nádegas e seios. Essa menção foi diretamente constada pelas crianças, principalmente as do sexo masculino, como fator positivo e de apreciação do corpo feminino exaltando qualidades ou características dele. Em estudo realizado por Resende (2011), estudantes relataram que a conquista e a manutenção da beleza

está relacionada entre outros fatores a aumento de seios e bum-bum, indo ao encontro de achados nas falas das crianças:

[Moderadora: Como que é um corpão? Me explica.]

Um peitão que parece que colocou silicone, tia. (P8, ♀, 10 anos).

Ela tem peito assim, depois fica assim e depois assim [mostra com as mãos uma escala de tamanhos]. (P37, ♂, 7 anos)

[Moderadora: E isso é bom ou ruim, gente?]

[Em coro dizem que é bom]

Ó tia, se mulher não tiver peito ela tá estragada. (P37, ♂, 7 anos).

Ressalta-se que esse ideal de beleza indagado pelas crianças pode ser encontrado em falas do sexo feminino, como mostra Neves *et al.* (2017), em estudo qualitativo realizado com crianças na mesma faixa etária, em que os atributos atrelados à magreza, aos seios e as nádegas grandes foram apontados durante a descrição de como seria o ideal de um corpo bonito.

Nos grupos focais masculinos, outra característica corporal muito citada foram os órgãos sexuais. O órgão sexual feminino foi mensurado como um atrativo para o sexo oposto, de forma erótica, sendo considerado para alguns a parte corporal mais bonita entre as mulheres. A esse respeito, em um dos grupos focais masculinos, o diálogo a seguir chamou a atenção:

[Qual parte de seu corpo você mais gosta?]

Eu gosto do tanquinho e da mulher eu gosto da xeroça dela.

Porque a xeroça dela, tia... (P43, ♂, 7 anos)

Pênis. (P55, ♂, 7 anos).

[Risos]

Tia, o mesmo que xeroça é piriquita. (P55, ♂, 7 anos).

[Moderadora: Piriquita? Ah, eu acho que vocês estão falando de vagina.]

É. (P14, ♂, 8 anos).

[Gargalhadas]

Ó tia, as mulheres têm xeroça e os homens têm piroca. (P43, ♂, 7 anos).

[Moderadora: As mulheres têm vagina e os homens têm pênis.

An? Mais o quê as mulheres têm de bonito]

Ó tia, os homens têm piru cabeludo. (P55, ♂, 7 anos).

Em outras falas, percebeu-se a caracterização dos órgãos sexuais de uma forma pejorativa. Xavier (2011) reitera que as práticas sexuais e os apelidos destinados aos órgãos sexuais são produtos de características inerentes a uma determinada cultura, bem como sua relação com os corpos sexuados. Sendo assim, o desenvolvimento sexual infantil é marcado pela investigação das crianças sobre a vida sexual, de forma que a pulsão de saber é a atividade que estimula essas investigações (CABICEIRA, 2008).

Dessa forma, torna-se visível o destaque de partes específicas do corpo pelas crianças. Em especial, os órgãos genitais, os seios e nádegas. A forma pejorativa em que são relatados e suas manifestações em contextos diversos.

3.3 Influência da família, amigos e mídia na sexualidade infantil

Segundo Bee e Boyd (2011) e Papalia e Feldman (2013), a primeira fonte influenciadora de um indivíduo são os pais. Pois, logo ao nascer, o bebê já se encontra inserido no contexto social familiar. Essa influência pode ser exercida, em vários aspectos da vida do sujeito, diretamente por meio de comentários, incentivos, conversas. Ou de forma indireta, como traz Amaral *et al.* (2014), através de hábitos familiares. Sejam eles relacionados à aparência e avaliação do próprio corpo.

Tavares (2003) considerou que ações dos pais, interações familiares e as observações dos outros sobre o corpo suscitam o interesse da criança pelo seu próprio corpo, fato que pode levar a uma comparação com partes correspondentes dos corpos alheios. Essa influência familiar e a comparação tornam-se notórias nas seguintes falas:

[Moderadora: Pra que que você acha que sua mãe vai na academia?]

Pra ficar magra e bonita. (P17, ♂, 7 anos).

[Moderadora: Pra ficar magra e bonita?]

Pra ficar com bundão. (P41, ♂, 7 anos).

[Moderadora: Meu Deus! Então vamos! Você se parece com quem P37, ♂, 7 anos?]

Com uma prima minha, ela chama Jéssica, ela me acha gostosinho e eu acho ela gostosinha. (P37, ♂, 7 anos).

A mãe de uma menina que estuda aqui ela é muito bonita. Eu estava querendo ser ela. Ela tem um corpão, um bundão assim. (P9, ♀, 10 anos).

Eu queria ser a minha irmã. A minha irmã tem um peitão que nem essa menina aí que elas estão falando. E uma bundona também, tia. (P6, ♀, 9 anos).

Eu queria ser a minha irmã. Um peitão. Uma bundona, tia. Um cabelo liso. Ela tem 19 anos. (P6, ♀, 9 anos).

Ainda nesse tópico, Bee e Boyd (2011) e Papalia e Feldman (2013) pregam que a influência dos amigos se dá ao final da infância, tornando-se mais acentuada na fase da adolescência. Isso advém da entrada na escola e da necessidade de pertencimento a grupos sociais, fazendo com que compartilhem interesses entre si sobre diversos assuntos, incluindo aparência física, preocupações corporais gerais e específicas de si mesmo e com o próximo.

Em alguns recortes, as crianças fazem alusão a essa influência:

[Interação entre amigos na conversa]

[Moderadora: Ó gente, péra lá, agora eu quero saber isso. O que é ser muito gostosa?]

Gostosa? (P55, ♂, 7 anos).

Não, não fala não. (P43, ♂, 7 anos).

É que o corpo delas tia, olha só como que é liso. (P55, ♂, 7 anos).

[Moderadora: Forte? An? E vocês acham bonito uma mulher musculosa?]

[Vários dizem ao mesmo tempo que acham]'

Acho, pra ficar com um corpão, bonita. (P41, ♂, 7 anos).

Elas ficam com um bundão. (P40, ♂, 7 anos).

[Interação entre amigas na conversa]

[Moderadora: E qual parte do corpo dos meninos vocês acham mais bonita?]

Tia, não fala isso para ninguém não, tá?! Eu acho a bunda. (P8, ♀, 10 anos).

Risos.

Ué, gente?! É conversa de mulher. (P8, ♀, 10 anos).

A P5, ♀, 10 anos está doida para falar bobeira, tia. (P9, ♀, 10 anos).

Eu acho a boca dos meninos tão fofa. (P5, ♀, 10 anos).

Ela acha isso para beijar. (P8, ♀, 10 anos).

Para beijar. (P6, ♀, 9 anos).

Tem que dar uns pegas, quem que não dá? Essas três aqui pegam... As outras são de menor. (P5, ♀, 10 anos).

Risos.

A mídia, por sua vez, é considerada por Amaral *et al.* (2014) a mais persuasiva dos três fatores citados. Corpos ditos “perfeitos” são exibidos em abundância nos programas de televisão, nas propagandas na internet e entre outras vias de comunicação. Além disso, programas que contém cunho sexual, ou que tratem de tais assuntos são exibidos em canais abertos, em horário nobre (novelas, por exemplo) e são apenas advertidas com a censura inicialmente.

Postman (1999) argumenta que essa liberdade televisiva, somado as características de concretude e dinamismo de sua linguagem, cria uma realidade superficial, sem a preparação necessária para o entendimento de temas amplos e complexos. Personalidades famosas, personagens de filmes e brinquedos são corriqueiramente citados durante as conversas. Em um primeiro momento, podemos perceber características de personalidades famosas atreladas à sexualidade:

[Moderadora: Tem algum personagem da televisão ou pessoa famosa que vocês gostam mais? Que é muito bonita? Por quê?]

Mc Guimê. Ele é muito lindo. (P6, ♀, 9 anos).

Ele tem um corpo bonito. (P6, ♀, 9 anos).

Todo tatuado. (P10, ♀, 9 anos).

Cheio de quadradinho. (P8, ♀, 10 anos).

A Anitta. Eu acho ela bonita. (P10, ♀, 9 anos).

Ela tem um peitão e um bundão. (P7, ♀, 9 anos).

E ela tem um peitão e uma bundona. Um corpão. Mas eu gosto mais do Mc Guimê. (P6, ♀, 9 anos).

Eu gosto da Carol do bonde das Maravilhas. Porque ela tem um bundão, um corpão, ela dança muito. Eu queria ser assim também. (P9, ♀, 10 anos).

Eu acho a Tereza, a Malu e a Ana do “Meu coração é teu”. São muito bonitas. O corpinho delas é bonito. Elas têm corpão. Elas são magrinhas assim e chega na bunda e tem um bundão. (P8, ♀, 10 anos).

Em um segundo momento, as crianças citam personagens de filmes e brinquedos com características voltadas à sexualidade. Essa influência midiática está presente principalmente no discurso dos grupos focais nos quais “namorar” e “ficar” são termos utilizados entre as crianças, pois estas trazem à cena a relação desses verbos e de seus novos sentidos com personagens infantis. Nesse instante, por exemplo, atributos físicos são enaltecidos pela palavra “gostosa”.

Alusões a tal tema podem ser vistas nas seguintes afirmações das crianças no desenvolvimento do grupo focal:

Eu quero namorar com ela, tia, quando eu crescer [Monster High] (P57, ♂, 8 anos).

Eu pedi a minha mãe uma Barbie para “ficar” com o meu Max Steel. Eu tenho dois! (P58, ♂, 7 anos).

Duas gostosonas! [referente à Ana e Elsa]. Muitos gostosas e a cara delas é bonita. [...] (P59, ♂, 7 anos).

A Monster High é muito bonita. Ela é gostosa (P59, ♂, 7 anos).

[...] as duas são gostosas [Barbies] (P60, ♂, 7 anos).

A mídia torna-se grande influenciadora de comportamentos apresentados pelas crianças. É inegável que a nova configuração da sociedade está atrelada a presença dos mais variados tipos de meios de comunicação. Estes, por sua vez, adentram casas, escolas, ambientes esportivos e a família. Shor (2009) salienta que interações entre crianças, publicidade e consumo modificam relações familiares. Nesse sentido, Borges (2004) reitera que essa aproximação excessiva entre mídia e infância colabora para a eliminação de fronteiras do universo das crianças e dos adultos.

Nota-se que ao expressarem seus pontos de vista em relação às bonecas, as crianças usam termos como “gostasas”. Segundo Andrade e Costa (2010), a mídia articula a imagem feminina de crianças com sutis pinceladas de erotismo projetadas nas poses e formas de exposição de seus corpos. A representação da inocência é substituída pela representação de pequenas lolitas, sedutoras e atraentes.

Salienta-se, portanto, que as crianças são influenciadas desde pequenas por fatores socioculturais que estão inerentes ao ambiente em que se encontram. Essas influências trazem efeitos que foram observados nas falas acima. Fatores como: família, amigos e mídia estão associados a referências de imagens corporais infantis ligadas a sexualidade.

3.4 Questões relacionadas ao gênero e sexualidade

Segundo Goellner (2010), gênero é a condição social por meio da qual nos identificamos como masculinos e femininos. É diferente de sexo, que entendido como sendo a diferença anatômica entre homens e mulheres. O gênero, portanto, não é algo que está dado, mas advém de uma construção social e cultural. Scott (1990) argumenta que o conceito de gênero foi criado para opor-se a um determinismo biológico nas relações entre os sexos, dando-lhes um caráter fundamentalmente social.

A identificação de gênero, aqui tratada como construto social, é uma forma de experiência subjetiva de reconhecimento do ser para si e do ser para o mundo. Goellner (2010) afirma que é um processo contínuo e minucioso. A ação desse processo cria formas de ser, parecer e se comportar.

Por se tratarem de crianças, as identidades estão em constantes mudanças devido à necessidade de se firmarem em seus espaços. Ao trazermos termos como “feminino e masculino”, podemos elucidar a ideia de heteronormatividade. Algumas falas perpassam por essa (re)afirmação:

Ela quer ser namorada dele. Todo menino que ela fala que é bonito ela quer ser namorada dele. (P28, ♀, 7 anos).

E oh, todo mundo da minha sala fica me zuando, só porque eu tenho apontador rosa, mas rosa também é de menino, né? (P14, ♂, 8 anos).

Eu gostei de todos [os bonecos], menos dos de mulher [referindo-se às bonecas] (P65, ♂, 7 anos).

Eu vejo desenho de mulher. Homem também vê desenho de mulher, né? (P66, ♂, 7 anos).

Homem pode brincar de boneca e mulher pode brincar de boneco (P66, ♂, 7 anos).

Mulher não tem esses músculos desse tamanho assim não (P67, ♀, 7 anos).

Ela é mulher (P68, ♀, 7 anos) [ao responderem o que achavam da Barbie ter músculos].

Segundo Wenez e Stigger, (2006) o caráter indeterminado, fragmentado, ambíguo e instável da linguagem é o que torna viável desterritorializar sentidos que almejam ser fixados. Desta forma ao constatar nas falas das crianças padrões heteronormativos pode-se questionar o quão enraizado em nossa sociedade está este paradigma. Tal fato permite afirmar que esta forma de viver a sexualidade se torna uma norma, uma vez que reforçada pela forte vigilância dos estereótipos que designam os modos “normais”

de ser homem e mulher, ratificando o binarismo existente socialmente (RESENDE, 2011).

Os profissionais que lidam diretamente com as crianças possuem papel fundamental na orientação e aquisição de conhecimentos por parte dos alunos. Desta maneira, o profissional de Educação Física torna-se responsável por indicar caminhos saudáveis para redução de ansiedade, estresse, preconceitos e desinformação. Segundo Reis e Ribeiro, (2005), combater, refletir, criticar e informar são características fundamentais para o combate a preconceitos, discriminações, desigualdades e estereótipos no que diz respeito à orientação sexual. Comentários voltados à homossexualidade emergiram no decorrer dos grupos focais, principalmente quando exemplos de bonecos foram trazidos para discussão:

Tia, tem um outro que é igualzinho aquele de short preto [Max Steel com roupa], só que ele é viado. (P24, ♂, 7 anos.)

[Moderadora: Esse aqui é o quê?]

Viado. Ele apareceu no Silvio Santos. É ele. Ele apareceu no Silvio Santos. (P24, ♂, 7 anos.)

[Moderadora: E o que é viado?]

Viado é um homem assim... [faz um gesto delicado de mexer nos cabelos] (P24, ♂, 7 anos.)

Viado é um homem que usa roupa de mulher. (P26, ♂, 7 anos.)

É, e também que pega... (P24, ♂, 7 anos.)

[Moderadora: Que pega o que?]

Homem. (P27, ♂, 7 anos.)

Que pega homem [risos]. (P24, ♂, 7 anos.)

Como já discutido ao longo do trabalho, essas manifestações com cunho sexual sofrem influências externas como, por exemplo, a mídia. Segundo Borges (2007) a erotização do corpo promovida pela mídia pode ser representada por meio da sexualidade. Tais influências operam na formação das identidades infantis e juvenis.

Resende (2011) ressalta a importância de se investigar como estudantes e educadores compreendem o corpo e suas interseções com gênero e sexualidade, para sabermos se os mesmos reforçam estereótipos socioculturalmente estabelecidos ou corroboram a igualdade de gênero. Por isso, torna-se necessário que educadores e pessoas participantes de atividades que envolvam crianças, saibam da existência dessas manifestações sexuais voltadas ao gênero e que, mais ainda, saibam conduzir a situação no caminho da igualdade e respeito às diferenças e às pessoas.

4 Considerações finais

Para este estudo, foram confirmadas as expectativas de que as crianças de 6 a 11 anos apresentam comportamentos, crenças e sentimentos no tocante a aparência física e que a família, os amigos e a mídia demandam forte influência na manifestação da sexualidade das crianças, o que de fato ocorreu em comentários relacionados ao corpo, durante o desenvolvimento dos grupos focais.

Na análise dos dados pode-se identificar diferenças nos comentários das meninas e dos meninos no que se refere à imagem corporal e erotização do corpo. Nota-se um maior número de comentários carregados de manifestações sexuais por parte dos meninos. Quando perguntados sobre um corpo bonito, tanto meninas quanto meninos ressaltaram a importância da muscularidade para meninos, bem como o ideal de feminilidade estar atribuído a certos comportamentos praticados pelas mulheres.

Notou-se no tópico partes específicas do corpo relacionadas à sexualidade, a presença de menções aos seios e às nádegas, e, principalmente, aos órgãos sexuais, os quais foram tratados de forma natural perante os participantes. Contudo, infere-se que tais caracterizações podem ser consideradas de forte cunho sexual, trazendo em si a sexualização dos corpos.

Ao tratarmos das categorias família, amigos e mídia, conclui-se que todas exercem forte influência nas crenças, sentimentos e comportamentos das crianças. Pode-se dizer, também, que a mídia é a principal influenciadora, tendo em vista as inúmeras alusões relacionadas à mesma.

No tocante ao gênero, faz-se importante salientar que qualquer prática pedagógica ocorre por meio da intervenção de pessoas, as ideias e as atividades podendo tanto preconizar os preconceitos e as violências, quanto minimizá-los. Dar ênfase ao respeito, mostrar a diversidade, reforçar a aceitação das diferenças, entendendo o corpo que o sujeito é, e não, somente, o que ele tem, é tarefa necessária a cada educador/interventor que atue principalmente com crianças.

Acerca das limitações, ressalta-se que os resultados não devem ser generalizados, pois a pesquisa foi realizada somente na cidade de Juiz de Fora-MG. Somado a isso, os participantes dos Grupos Focais, que se manifestaram mais, podem ter influenciado nos resultados, assim como as crianças participantes podem ter sofrido influências pelos demais participantes por serem da mesma escola e/ou mesma turma.

Por fim, os resultados desta pesquisa, geram subsídios para novas investigações acerca da imagem corporal ligada à sexualidade infantil. Pesquisas com amostras mais heterogêneas podendo também estudar separadamente os sexos a fim de enfatizar semelhanças e/ou diferenças nas manifestações das crianças, são estimuladas.

Referências

ADELMAN, M. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 360, jul./dez., 2003.

AMARAL, A. C. S.; CARVALHO, P. H. B.; FERREIRA, M. E. C. A cultura do corpo perfeito: Influência sociocultural sobre imagem corporal. In **M. E. C.**, 2014.

ANDRADE, P. D.; COSTA, M. V. Usando crianças para vender: infância e consumo na publicidade de revistas. **Revista Reflexão e Ação**, v. 18, n. 2, p. 230-248, julho/dezembro, 2010.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3ed. Edições 70, São Paulo, 2011.

BEE, H.; BOYD, D. **A criança em desenvolvimento**. 12ed. Artmed, Porto Alegre, 2011.

BORDO, S. "O corpo e a reprodução da feminidade: uma reapropriação feminista de Foucault" In: JAGGAR, A.; BORDO, S. **Gênero, corpo, conhecimento**. p. 19-41. Rosa dos Tempos, Rio de Janeiro, 1997.

BORGES, E. M. Corpo, espetáculo e consumo: novas configurações midiáticas para a infância. **Media & Jornalismo**, v. 11, n. 11, p. 91-103, 2007.

BORGES, E. M. *et al.* **Identidade e resistência**: as crianças e as representações televisuais de corpo e sexualidade. 2004. 180f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, 2004.

CABICEIRA, G. O. **Olhares de "crianças" sobre gênero, sexualidade e infância**. 2008. 201f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, UNESP, São Paulo, 2008.

CASH, T. F.; SMOLAK, L. Body image: A handbook of science, practice, and prevention. **The Guilford Press**, 2ed. New York, 2011.

CHOI, J. H.; KIM, K. E. The Relationship between Self-esteem, Body Image and Eating Attitudes of Children Accessing Community Child Centers. **IJBSBT**, v. 6, n. 1, p. 211-22, 2014.

COSTA, E. R.; VENÂNCIO, C. Investigando a sexualidade infantil a partir do relato de educadores. **Laplage em Revista**, Sorocaba, v. 1, n. 3, p. 130-142, 2015.

FERREIRA, M. E.; CASTRO, M. R.; MORGADO, F. F. R. **Imagem corporal**: Reflexões, diretrizes e práticas de pesquisa. Juiz de Fora: Editora UFJF, p. 173-185, 2014.

FORTES, L. S. *et al.* Imagem corporal e Infância. In FERREIRA, M. E. C.; CASTRO, M. R.; MORGADO, F. F. R. **Imagem corporal**: Reflexões, diretrizes e práticas de pesquisa. Juiz de Fora: Editora UFJF, p. 49-65, 2014.

FREUD, S. **Neuroses de transferência**: uma síntese (manuscrito recém-descoberto). Imago Ed., 1987.

GARDNER, R. M.; BROWN, D. L. Comparison of video distortion and figural drawing scale for measuring and predicting body image dissatisfaction and distortion. **Pers Indiv Differ**, v. 49, n. 1, p. 794-8, 2010.

GLEESON, K.; FRITH, H. (De)construting body image. **Journal Health Psychol.** v. 11, n.1, p. 79-90, 2006.

GOELLNER, S. V. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, Santa Catarina, v. 1, n. 2, 2010.

LEITE, A. C. B. *et al.* Insatisfação corporal em escolares de uma cidade do Sul do Brasil. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 54-61, 2014.

NEVES, C. M. **Escala de preocupação e comportamentos relacionados ao corpo na infância**: desenvolvimento e avaliação psicométrica. 2017. 321f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF, Juiz de Fora, 2017.

NEVES, C. M. et al. Imagem corporal na infância: uma revisão integrativa da literatura. **Revista Paulista de Pediatria**, São Paulo, v. 35, n. 3, 2017.

MURNEN, S. K. Gender and body images. In CASH, T. F.; SMOLAK, L. **Body image**: A handbook of science, practice, and prevention. 2 ed., p. 173-179, New York, The Guildford Press, 2011.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. 2 ed. AMGH, Porto Alegre, 2013.

PINHEIRO, A. P.; GIUGLIANI, E. R. J. **Insatisfação com o corpo, autoestima e preocupações com o peso em escolares de 8 a 11 anos de Porto Alegre**. 2003. 137f. Dissertação (Mestrado em Epidemiologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Rio Grande do Sul, 2003.

POSTMAN, N. **El fin de la educación**: Una nueva definición del valor de la escuela. Octaedro, 1999.

REIS, G. V.; RIBEIRO, P. R. M. Sexualidade e educação escolar: algumas reflexões sobre orientação sexual na escola. **Sexualidade e infância**, Brasil, 2005.

RESENDE, M. S. Olhares sobre os corpos e a construção de “homens” e “mulheres” na escola. **Motrivivência**, Santa Catarina, n. 37, p. 69-82, 2011.

SCATOLIN, H. G. A imagem do corpo: as energias construtivas da psique. **Psicologia Revista**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 115-120, 2012.

SCHILDER, P. **A imagem do corpo**: As energias construtivas da psique. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5, jul./dez. 1990.

SCHOR, J. B. **Nascidos para compra**: Uma leitura essencial para orientarmos nossas crianças na era do consumismo. São Paulo: Editora Gente, Trad. Eloisa Helena de Souza Cabral, 2009.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 102-6, 2010.

TAVARES, M. C. G. C. F. **Imagem Corporal**: conceito e desenvolvimento. Manole, Barueri, 2003.

TRICHES, R. M.; GIUGLIANI, E. R. J. Insatisfação corporal em escolares de dois municípios da Região Sul do Brasil. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 20, n. 2, p. 119-128, 2007.

VEIGA, L.; GONDIM, S. M. G. A utilização de métodos qualitativos na ciência política e no marketing político. **Opinião Pública**, Campinas, vol.7, n.1, p.1-15, 2001.

XAVIER, C. F. Representações de corpo masculino e feminino em pesquisa com crianças. **Revista FACED**, Bahia, v. 19, n. 1, p. 75-89, jan./jun., 2011.

WENETZ, I.; STIGGER M. P. A construção do gênero no espaço escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 31-58, jan./abr. de 2006.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Juiz de Fora, número 1.402.233.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.